

Estudo sobre a oferta de serviços contábeis para micro, pequenas e médias empresas: percepções dos contadores versus percepções dos gestores

Roberta Lira Caneca (PMIPGCC-UnB/UFPE) - robertacaneca@gmail.com

Luiz Carlos Miranda (UFPE) - lc-miranda@uol.com.br

Raimundo Nonato Rodrigues (UFPE) - rnrodrigues13@yahoo.com.br

Jeronymo Libonati (UFPE) - jeronymolibonati@yahoo.com.br

Deivisson Rattacaso Freire (UFPE) - deivissonrattacaso@yahoo.com.br

Resumo:

Este estudo investiga aspectos qualitativos da oferta e demanda de serviços contábeis pelas Micro, Pequenas e Médias Empresas (MPME), focando o modo como as informações econômico-financeiras (incluindo custos) são processadas pelas MPME, a partir de um estudo comparativo entre as percepções dos gestores dessas e empresas e dos contadores que lhes prestam serviços. O método utilizado no desenvolvimento deste trabalho de pesquisa foi o indutivo e analítico, que teve como ponto de partida a documentação indireta (pesquisa bibliográfica na literatura especializada e sites da Internet). A pesquisa exploratória, realizada entre agosto e outubro de 2007, utilizou-se de questionários, respondidos por 130 gestores de MPME e 100 contadores, da Região Metropolitana do Recife-PE. O trabalho concluiu que existe um desequilíbrio entre a oferta e a demanda de serviços contábeis oferecidos às Micro, Pequenas e Médias Empresas, e que as percepções dos gestores dessas empresas e dos profissionais contábeis divergem quanto às informações econômico-financeiras processadas.

Palavras-chave: *Contabilidade gerencial. Qualidade dos serviços contábeis. Micro, pequenas e médias empresas.*

Área temática: *Gestão de Custos para Micros, Pequenas e Médias Empresas*

Estudo sobre a oferta de serviços contábeis para micro, pequenas e médias empresas: percepções dos contadores versus percepções dos gestores

Resumo

Este estudo investiga aspectos qualitativos da oferta e demanda de serviços contábeis pelas Micro, Pequenas e Médias Empresas (MPME), focando o modo como as informações econômico-financeiras (incluindo custos) são processadas pelas MPME, a partir de um estudo comparativo entre as percepções dos gestores dessas empresas e dos contadores que lhes prestam serviços. O método utilizado no desenvolvimento deste trabalho de pesquisa foi o indutivo e analítico, que teve como ponto de partida a documentação indireta (pesquisa bibliográfica na literatura especializada e *sites* da Internet). A pesquisa exploratória, realizada entre agosto e outubro de 2007, utilizou-se de questionários, respondidos por 130 gestores de MPME e 100 contadores, da Região Metropolitana do Recife-PE. O trabalho concluiu que existe um desequilíbrio entre a oferta e a demanda de serviços contábeis oferecidos às Micro, Pequenas e Médias Empresas, e que as percepções dos gestores dessas empresas e dos profissionais contábeis divergem quanto às informações econômico-financeiras processadas.

Palavras-chave: Contabilidade gerencial. Qualidade dos serviços contábeis. Micro, pequenas e médias empresas.

Área temática: Gestão de Custos para Micros, Pequenas e Médias Empresas.

1 Introdução

Há indícios de desequilíbrio entre a oferta e demanda de serviços contábeis para as Micro, Pequenas e Médias Empresas – MPME, não apenas no Brasil, mas em outros países, independentemente do grau de desenvolvimento ou industrialização. No entanto, não se tem informação precisa sobre as características e dimensão desse desequilíbrio, nem de suas causas.

Recentemente, pesquisa realizada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE (2004) identificou as principais causas da mortalidade dos pequenos empreendimentos constituídos no período de 2000 até 2002. O estudo revela que aproximadamente 50% das MPME brasileiras encerram suas atividades antes de completarem dois anos de existência e quase 60% não sobrevivem além de quatro anos. A pesquisa apontou que, dentre as principais causas que determinaram o fracasso ou morte dessas empresas, as falhas gerenciais na condução dos negócios aparecem em 70% dos casos.

Ainda de acordo com o SEBRAE (2004), as falhas gerenciais podem ser relacionadas à falta de planejamento na abertura do negócio, levando o empresário a não avaliar de forma correta, previamente, dados importantes para o sucesso do empreendimento. Este achado corrobora a afirmação do economista clássico Jean-Batiste Say (1803), citada por Van Praag (2003), de que o sucesso do empreendimento depende de qualidades como julgamento, perseverança e conhecimento de mundo. De acordo com Van Praag (2003) o sucesso ainda requer conhecimento do mercado, experiência no ramo do negócio e, ainda, alguma sorte.

Parte do problema poderia ser resolvida com o desenvolvimento de um bom plano de negócios, antes mesmo de ele ser iniciado. Outra parte significativa poderia ser resolvida com a utilização de sistemas de controle gerencial e de medição de desempenho adequados a essas

empresas, que levassem em conta o porte das mesmas e a capacitação de seus gestores. A pesquisa do SEBRAE (2004) revela que dentre as empresas extintas houve um maior número de empresas que não procurou por assessoria externa (32% nas extintas *versus* 25% das sobreviventes). Esses números podem ser indícios da importância de bons serviços contábeis e de bons sistemas de controle gerencial para as MPME. O desperdício de aproximadamente R\$ 20 bilhões, resultante da extinção de empresas nos três anos pesquisados pelo SEBRAE (2004) reforça a relevância desta pesquisa.

Surge então o problema da pesquisa: **Há equilíbrio entre a oferta e a demanda de serviços contábeis utilizados pelas Micro, Pequenas e Médias Empresas brasileiras?** Se há equilíbrio, então a percepção dos gestores das MPME é similar à percepção dos contadores, que fornecem informações econômico-financeiras às mesmas. Daí surge a hipótese a ser testada nesta pesquisa:

Existe divergência entre as percepções dos profissionais contábeis e dos gestores das MPME quanto ao processamento das informações.

Este estudo investiga os aspectos qualitativos da oferta e demanda dos serviços contábeis oferecidos às MPME e tem por objetivo identificar a percepção dos gestores e contadores sobre o processamento das informações econômico-financeiras por elas utilizadas. Para tanto, procura-se conhecer o “estado da arte” sobre as características das MPME e as suas necessidades informacionais, bem como o equilíbrio entre oferta e a demanda dos serviços contábeis por essas empresas, no tocante aos aspectos qualitativos dessa oferta e demanda, através de um levantamento dos trabalhos empíricos relevantes que abordaram o tema e de uma pesquisa empírica, com a utilização de questionários, para avaliar as percepções dos gestores e dos contadores, a respeito dos serviços contábeis oferecidos por estes às MPME. A pesquisa, realizada entre agosto e outubro de 2007, teve como foco proprietários das MPME e contadores localizados na Região Metropolitana do Recife-PE.

Alguns profissionais da área contábil poderiam argumentar que o objetivo dessa pesquisa poderia estar comprometido, argumentando que ela não traz conhecimento novo, uma vez que já é “consenso” ou “muito óbvio” o que se está tentando provar cientificamente com este estudo. No entanto, esta pesquisa se justifica pela carência de pesquisas empíricas aprofundadas sobre os serviços contábeis oferecidos pelos contadores às MPME. Talvez pelo menor charme que estas tenham, verifica-se uma atenção muito maior às grandes empresas e empresas com ações negociadas em bolsa. Entretanto, as MPME têm um papel predominante na geração de emprego e renda na maioria dos países, incluindo o Brasil.

Espera-se que os resultados aqui apresentados contribuam para a formação de conhecimento científico na área. O cientista deve se debruçar com o mesmo afincamento naqueles assuntos que o “conhecimento popular” (aquilo que os americanos denominam *anedoctal evidence*) considera “óbvio”. Cabe ao pesquisador formular e testar hipóteses para transformar o conhecimento popular, ou o senso comum, em conhecimento científico, ou então, desmistificá-lo.

2 Revisão da literatura

A importância das Micro, Pequenas e Médias Empresas para o desenvolvimento econômico não se restringe apenas ao Brasil. Na Irlanda do Norte, por exemplo, as MPME correspondem a 98% das empresas daquele país, e contribuem para 60% do PIB irlandês (McADAM e MARLOW, 2007). Segundo Nunes e Serrasqueiro (2004), essas empresas são de crucial importância para a economia nacional Portuguesa, estando presentes em todos os setores da indústria e serviços de Portugal, tendo representado, no ano de 1999, 96% do total das empresas do país, sendo responsáveis por 50% dos empregos e por cerca de 35% do volume de negócios de Portugal.

A mortalidade, principalmente dos empreendimentos de menor porte, é objeto de pesquisa ao redor do mundo, como Do Carmo (2000), Morrison (2003), Tonge (2001), Watson e Everett (2007), dentre outros. Carter e Van Auken (2006) trouxeram uma contribuição ao destacar a importância das pequenas empresas na economia americana, enfatizando que a falência e as falhas de operação neste setor afetam os proprietários, investidores e a comunidade de uma forma geral, pagando-se caro por isso.

De acordo com estudos conduzidos por Boyle e Desai (1991), Gaskill *et al* (1993) e Sheldon (1994), a falta de habilidade para entender e manusear os instrumentos fornecidos pela contabilidade foi uma das maiores causas para o fracasso das pequenas empresas. Dentre as habilidades mais importantes para um gestor destacam-se a análise do fluxo de caixa, a habilidade para interpretar os relatórios contábeis e controlar os custos operacionais.

Silva e Solino (2000) afirmam que a ausência de ferramentas modernas e adequadas que sirvam de suporte às atividades de gestão, como, por exemplo, um adequado sistema de informação gerencial, fluxo de caixa e planejamento estratégico contribuem para o insucesso dessas empresas. Infelizmente há um grande número de MPME que apresentam esses problemas. Este quadro poderia ser revertido se os provedores de serviços contábeis se preocupassem mais em fornecer informações gerenciais, adaptando-as ao nível de conhecimento de seu usuário ou pelo menos fomentando sua aplicação, ainda que os usuários tivessem alguma dificuldade no seu entendimento.

Corroborando a idéia de fornecer informações adaptando-as ao nível de conhecimento de seu usuário, McGee e Prusak (1995) comentam que oferecer aos empresários enormes documentos impressos ou acesso a um banco de dados extremamente amplo, sem indicar atalhos e instruções que facilitem uma resposta rápida, não é um enriquecimento às informações, mas um obstáculo.

Com o objetivo de propor um modelo de controle e avaliação de desempenho para Micro e Pequenas Empresas, Albanez e Bonízio (2007) realizaram um estudo de caso em uma pequena empresa localizada na região de Ribeirão Preto, Estado de São Paulo, que presta assistência técnica e comercializa aparelhos de fax, celulares, acessórios e outros. Os dados foram coletados por meio de entrevistas com os gestores e empregados, bem como pelo contato direto com as operações da empresa. Foram identificadas falhas como: ausência de relatórios contábeis básicos (Balanço Patrimonial - BP - e Demonstração do Resultado do Exercício - DRE); estoques controlados de forma intuitiva; falta de planejamento que possibilite prever situações adversas; inexistência de um Sistema de Informação que auxilie na gestão; e falta de mecanismos que ajudem a avaliar o desempenho da empresa.

A solução proposta por Albanez e Bonízio (2007) foi a elaboração de demonstrativos contábeis (BP, DRE e Demonstração do Fluxo de Caixa - DFC) juntamente com relatórios de índices econômico-financeiros. Para viabilizar a análise de desempenho, eles sugerem que a empresa se divida em centros de responsabilidade, possibilitando ao gestor conhecer como cada setor está contribuindo para o desempenho da empresa. Sugerem ainda a elaboração do fluxo de caixa projetado, que permitirá ao gestor exercer maior controle sobre seus gastos e contribuirá para a mudança de uma atitude passiva para uma atitude pró-ativa.

De fato, a informação contábil pode contribuir significativamente para um melhor desempenho e maiores chances de sucesso do empreendimento. Concernente a isso, Grieves (1998) fez um estudo sobre impacto da informação com os tomadores de decisão de alguns setores da economia britânica. A pesquisa revela que para 97% dos respondentes do setor governamental a informação contábil influenciou para uma melhor tomada de decisão; no setor farmacêutico também houve uma influencia positiva para 96% dos entrevistados e nos bancos idem, em 94% dos casos.

Stroeher e Freitas (2006) conduziram um estudo exploratório e qualitativo na Região de Lajeado e Arroio do Meio, no Vale do Taquari – RS, onde entrevistaram 5 contadores e 15

gestores de pequenas empresas. A pesquisa revelou haver um descompasso entre a oferta e a procura por serviços contábeis, pois, enquanto os contadores afirmaram fornecer todas as informações necessárias aos seus clientes, estes afirmaram que as informações fornecidas pelos escritórios suprem, no máximo, suas necessidades no âmbito fiscal e legal.

Os pesquisadores (2006) ponderam ainda que o fato dos contadores afirmarem produzir “todas” as informações necessárias, e os gestores responderem que as informações recebidas servem, no máximo, para suprir suas necessidades na área fiscal e legal, permite tirar duas possíveis conclusões: (1) os contadores realmente fornecem todas as informações necessárias para o gestor, mas não dão os devidos esclarecimentos; ou (2) o contador considera as informações fiscais e legais como sendo todas as informações que ele pode fornecer, ou que são as necessárias, para o gestor desse tipo de empresa.

Essas evidências reforçam a importância deste estudo em focar a informação contábil no aspecto gerencial para as MPME, de modo a trazer conhecimento que possa ajudar as agências de fomento (SEBRAE, por exemplo) e organizações que atuam com essas empresas e com os escritórios contábeis que as servem (Conselho Federal e Conselhos Regionais de Contabilidade e Sindicatos dos Contadores, por exemplo) e os estudiosos da área a criar mecanismos e instrumentos para aumentar a taxa de sucesso desses empreendimentos.

3 Método de pesquisa

O método utilizado no desenvolvimento deste trabalho de pesquisa foi o indutivo e analítico, com uso de técnicas de documentação indireta por meio de pesquisa bibliográfica na literatura especializada, leitura de periódicos e *sites* da Internet. Este tipo de pesquisa amplia as conclusões a partir do conjunto de premissas que as geraram (LAKATOS e MARCONI, 2001). A partir do que foi encontrado na literatura delimitou-se mais apropriadamente os objetivos e a metodologia da pesquisa exploratória, conduzida por meio da aplicação de dois tipos de questionários: um direcionado as MPME e outro direcionado aos contadores. Pesquisas desse tipo objetivam proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Geralmente essas pesquisas envolvem levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado e análise de exemplos que estimulem a compreensão. (GIL, 2002).

Os dois tipos de questionários foram construídos com questões correspondentes, de forma a possibilitar a confrontação das opiniões dos gestores de MPME, que se utilizam de informação contábil, com a dos profissionais da área contábil, que atendem a essas empresas. Os questionários foram submetidos a quatro especialistas, sendo dois profissionais contábeis e dois empresários, a título de pré-testes para validação do conteúdo.

Por questões de restrições orçamentárias as amostras, tanto das MPME como dos escritórios contábeis, foram escolhidas de modo intencional, pelo critério de conveniência, tanto em termos de localização geográfica como em virtude do conhecimento pessoal dos pesquisadores com os possíveis respondentes, ou de pessoas que pudessem facilitar o acesso aos mesmos. O método de escolha da amostra para estudo não compromete a essência do trabalho, pois, amostragem boa é aquela que possibilita abranger a totalidade do problema investigado em suas múltiplas dimensões (SILVA, 2003).

Geograficamente, a pesquisa abrangeu cinco Municípios da Região Metropolitana do Recife-PE: Cabo de Santo Agostinho, Jaboatão, Olinda, Paulista e Recife. A coleta de dados foi realizada entre agosto e outubro de 2007, por uma equipe de quatro pesquisadores, que visitaram as empresas e escritórios contábeis. Foram obtidos 130 questionários válidos, respondidos por gestores de MPME e por 100 de contadores que prestam serviços a MPME. O número de contadores, que participaram da pesquisa, representa aproximadamente 1,5% do total de contadores ativos da Região Metropolitana do Recife.

As entrevistas foram, em sua maioria, do tipo presencial, com entrevistas face a face. Optou-se por entrevistas presenciais por acreditar-se que a interação com o entrevistado, mesmo se tratando de um questionário fechado, poderia propiciar maior certeza da participação da pessoa convidada, e a obtenção de informações que não seriam possíveis se os questionários fossem simplesmente postados. Além disso, a entrevista presencial possibilitou dirimir eventuais dúvidas e a garantia de que a maior parte das perguntas não ficaria sem resposta.

Tanto os gestores como os contadores visitados foram bastante receptivos. Alguns contadores, a princípio, se mostraram apreensivos, imaginando que se tratasse de algum tipo de fiscalização disfarçada. Mas, ao se lhes assegurar de que se tratava de uma pesquisa exclusivamente para fins acadêmicos, e que as identidades dos entrevistados se manteriam sob total sigilo, as entrevistas fluíram normalmente. Conforme evidenciado por Yin (2001), há algumas situações em que o anonimato se faz necessário. O fundamento lógico mais comum é que, quando o estudo for sobre algum tópico polêmico, o anonimato serve para proteger os seus verdadeiros participantes. (YIN, 2001).

Para a análise descritiva dos dados e teste de hipóteses utilizou-se de medidas de posição e dispersão, e análises de contingência, com o auxílio de testes não-paramétricos, aplicados com o auxílio de um *software* estatístico. O teste estatístico preferencialmente utilizado para testar a hipótese levantada na pesquisa é o teste não-paramétrico Qui-quadrado de Pearson e, para o caso de análises cujas respostas se apresentem em tabelas 2 x 2, o teste Qui-quadrado com correção de continuidade de Yates e/ou o Teste Exato de Fisher.

O teste Qui-quadrado de Pearson serve para testar se duas variáveis categorizadas são independentes. O teste Qui-quadrado verifica se há adequação de ajustamento entre as frequências observadas e as frequências esperadas dos eventos considerados. A hipótese nula afirmará não haver discrepância entre as frequências observadas e esperadas, enquanto que a hipótese alternativa afirmará que as frequências observadas e esperadas são discrepantes (MARTINS e THEÓPHILO, 2007).

De acordo com Vieira (2004), a correção de continuidade consiste em corrigir as frequências observadas em $\frac{1}{2}$, o que significa reduzir a diferença entre as proporções observadas e esperadas. Portanto, a correção de continuidade produz um teste mais conservador, ou seja, um teste que tem menor probabilidade de rejeitar a hipótese de nulidade (VIEIRA, 2004).

Para as análises cuja confiabilidade dos resultados dos testes Qui-quadrado possa estar comprometida (mais de 20,0% de células com frequência mínima esperada inferior a 5 observações), foram utilizados o teste de Kruskal-Wallis, para k amostras independentes, e o teste Exato de Fisher, para análises cujas respostas se apresentem em tabelas 2 x 2.

O teste Exato de Fisher para tabelas 2x2 é uma técnica extremamente útil para analisar dados discretos, nominais ou ordinais, quando as duas amostras independentes são pequenas e as premissas para aplicação do teste Qui-quadrado não são atendidas (SIEGEL e CASTELLAN Jr., 2006; VIEIRA, 2004).

O teste de Kruskal-Wallis também foi utilizado. Ele serve para testar a hipótese de que várias populações têm a mesma distribuição, ou seja, que as amostras provêm da mesma população (SIEGEL e CASTELLAN Jr., 2006; VIEIRA, 2004).

Para este trabalho, o nível de significância mínimo considerado para se rejeitar a hipótese nula (H_0) é de 5,0% ($\alpha = 0,05$). De acordo com Siegel (1975), é usual a adoção de níveis de 1,0% ou 5,0% para rejeitar hipóteses nulas, embora possam ser utilizados outros valores. O nível de significância de 5% significa a existência de uma confiança de 95% de se tomar uma decisão acertada.

4 Análise dos resultados

Esta seção apresenta os resultados obtidos na aplicação do questionário, e está dividida em três partes: (1) Análise descritiva dos resultados dos questionários aplicados aos gestores das MPME com sede na Região Metropolitana do Recife – PE; (2) Análise descritiva dos resultados dos questionários aplicados aos contadores que atuam nessa mesma região; (3) Análise da hipótese levantada a partir do problema da pesquisa, por meio do cruzamento das informações obtidas dos gestores e dos profissionais contábeis, de forma a comparar as percepções dos dois grupos, sobre questionamentos referentes ao modo como a informação econômico-financeira é processada nas MPME.

4.1 Informações gerais sobre a empresa e o gestor

Para classificar as empresas da amostra quanto ao porte utilizou-se a classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2002), por número de funcionários. Optou-se por este critério por ser de mais fácil obtenção do que as informações acerca do faturamento e, também, por ser a classificação por número de empregados o critério mais utilizado na literatura internacional, pois em algumas culturas, como é o caso do Brasil, as MPME são relutantes em fornecer detalhes financeiros precisos (ISMAIL e KING, 2006; OTTOBONI e PAMPLONA, 2001). As empresas da amostra possuem, em média, aproximadamente 14 funcionários, variando de 1 a 99 funcionários, sendo 79 (60,8%) classificadas como microempresas, 44 (33,8%) como empresas de pequeno porte e 7 (5,4%) como média-empresas (ver tabela 1).

Tabela 1 - Porte da MPME – IBGE

Porte - IBGE*	Frequência	Percentual	Percentual acumulado
Microempresa (Até 9 funcionários)	79	60,8	60,8
Empresa de Pequeno Porte (De 10 até 49 funcionários)	44	33,8	94,6
Média Empresa (De 50 até 99 funcionários)	7	5,4	100,0
Total	130	100,0	
Análise Descritiva – 130 MPME			Nº de funcionários
Média			13,82
Mediana			8,00
Moda			1 e 4
Desvio padrão			20,23
Mínimo			1,00
Máximo			99,00

* Classificação usada para os ramos comércio e serviços. Como na amostra há apenas uma indústria, com 15 empregados, ela foi classificada como de pequeno porte. Pela classificação do IBGE (2002), ela seria classificada como microempresa.

As empresas da amostra possuem, em média, 11 anos de existência, possuindo a mais nova apenas 2 meses de existência (à época da pesquisa) e a mais antiga, 50 anos. Do total da amostra, apenas 32 empresas (24,8%) possuem até 4 anos de vida; 44 (33,8%) possuem entre 5 e 9 anos de existência e 53 MPME (41,1%) atuam há 10 anos ou mais. O fato de a pesquisa evidenciar uma maior concentração de empresas com mais de cinco anos pode ser um indício

de uma diminuição na taxa de mortalidade dessas empresas, uma vez que a maioria delas conseguiu ultrapassar o ponto de maior mortalidade identificada pelo SEBRAE (2004).

Quanto ao nível de escolaridade dos respondentes, a pesquisa revela que 56 gestores (43,1%) possuem até o ensino médio, sendo que apenas 33 (25,4%) o concluíram; 37 empresários (28,5%) concluíram o ensino superior e apenas 12 (9,3%) cursaram algum tipo de pós-graduação.

Pesquisas nesta mesma linha (LEITE, 2004; MIRANDA *et al*, 2008a; OLIVEIRA *et al*, 2000; PIRES *et al*, 2004; QUEIROZ, 2005) também evidenciam a predominância de gestores de MPME que possuem até o ensino médio completo, com uma parcela menor tendo concluído algum curso superior. Estudos (BIANCHI e BIVONA, 1999; OLEIRO e DAMEDA, 2005; SEBRAE, 2004) revelam que uma das maiores causas de insucesso das MPME é devida à falta de capacitação dos proprietários / gestores dessas empresas. De acordo com Longenecker *et al* (2004), embora existam algumas histórias de sucesso de indivíduos que deixaram a escola para iniciar seus negócios de risco, de modo geral, não se poderia esperar sucesso com base em uma educação formal abaixo do padrão.

Entretanto, ao se comparar o tempo de existência da MPME com o nível de escolaridade dos empresários, não se verifica relação estatisticamente significativa entre ambos, não se podendo concluir que um maior tempo de existência da MPME esteja associado ao nível de escolaridade do empresário (ver tabela 2).

Tabela 2 - Tempo de existência da MPME *versus* Nível de escolaridade do empresário

Tempo de existência da MPME	Nível de escolaridade do empresário			Total ^a
	Até o Ensino Médio incompleto	Ensino Médio completo ou Superior incompleto	Ensino Superior completo ou Pós-graduação	
Até 2 anos	2	4	6	12
De 3 a 4 anos	1	2	4	7
De 5 a 9 anos	4	13	14	31
De 10 a 19 anos	2	8	11	21
20 anos ou mais	4	7	5	16
Total	13	34	40	87

Teste Não-paramétrico

Teste de Kruskal-Wallis (H)= 4,656;

Nível de significância = 0,702.

^aTestados apenas os respondentes que se autodenominaram proprietários ou sócio-dirigentes das MPME.

Por outro lado, ao comparar-se o nível de escolaridade dos empresários que participaram da pesquisa com a indagação sobre se este seria o seu primeiro negócio, verifica-se uma relação estatisticamente significativa entre as respostas (significância = 2,3%), indicando uma associação do maior nível de escolaridade do empresário ao fato dele já ter possuído outros empreendimentos (ver tabela 3). Note-se que, dos 40 empresários com nível superior e pós-graduação, 25 (62,5%) já tiveram outros empreendimentos.

Este achado corrobora a ponderação de Cooper (1992) no que se refere ao nível de capacitação dos pequenos empresários, de que empreendedores que são bem preparados, com elevado grau de escolaridade, experiência gerencial e grande necessidade de realização, podem ficar insatisfeitos com o desempenho marginal do empreendimento porque eles acham que poderiam fazer melhor; então partem para um novo negócio. Em contrapartida, pequenos empresários com menos preparo podem demonstrar grande obstinação, pois eles percebem que não possuem alternativas.

Tabela 3 - Nível de escolaridade do empresário *versus* É o primeiro negócio do empresário?

Nível de escolaridade	Primeiro negócio		Total ^a
	Sim	Não	
Até o Ensino Médio Incompleto	9	4	13
Ensino Médio Completo ou Superior Incompleto	23	12	35
Ensino Superior Completo ou pós-graduação / mestrado	15	25	40
Total	47	41	88

Testes estatísticos

Teste Qui-quadrado de Pearson (X^2) = 7,506;

Nível de significância = 0,023.

^aTestados apenas os respondentes que se autodenominaram proprietários ou sócio-dirigentes das MPME.

Concordando a ponderação de Cooper (1992), tem-se, então, um dilema de que um maior nível de preparo por parte do pequeno empresário pode aumentar a probabilidade de sucesso do empreendimento, mas também pode exigir um nível mínimo de desempenho para que ele esteja disposto à continuidade do negócio.

4.2 Informações gerais sobre o contador e o escritório contábil

Quanto ao grau de instrução dos respondentes, a pesquisa revela que, do total de 100 contadores da amostra, 47 (47,0%) possuem nível médio e 53 (53,0%) concluíram o curso superior, sendo 6 (6,0%) especialistas e 2 (2,0%) mestres

Dos 53 entrevistados que concluíram o curso superior, 7 (7,0%) não são graduados em ciências contábeis, possuindo as seguintes formações: administração de empresas (2,0%); ciências biológicas (1,0%); ciências sociais (1,0%); direito (1,0%); economia (1,0%); relações públicas (1,0%). Dessa forma, a amostra selecionada para estudo é composta por 46 bacharéis em ciências contábeis (46,0%) e 54 técnicos em contabilidade (54,0%).

Outras pesquisas (SALGUEIRO, 2000; SILVA, 2002) também verificaram uma predominância de profissionais técnicos em contabilidade, em relação ao quantitativo de bacharéis em ciências contábeis, dentre os profissionais que prestam serviços externamente às MPME. Porém, esses pesquisadores encontraram proporções de, aproximadamente, 70,0% de técnicos em contabilidade e 30,0% de bacharéis em ciências contábeis, sendo, portanto, superiores aos resultados desta pesquisa. Considerando-se o intervalo de tempo decorrido entre as pesquisas de Salgueiro (2000) e Silva (2002) e o presente trabalho, pode-se inferir que esse quadro talvez esteja mudando, tendo em vista o sensível aumento do número de instituições de ensino superior que oferecem cursos de ciências contábeis e proporcionam condições especiais para que técnicos em contabilidade se tornem bacharéis em ciências contábeis.

Do total de contadores entrevistados, 22,0% são profissionais autônomos e 78,0% são vinculados a escritórios de contabilidade. Destes últimos, 55 (70,5%) são proprietários ou sócio-dirigentes dos escritórios estudados, 11 (14,1%) são gerentes e 12 (15,4%) ocupam outros cargos, sendo 3 contadores e 9 auxiliares contábeis.

Quanto ao tempo de experiência, os contadores entrevistados possuem, em média, 18 anos de atuação na área contábil, sendo que o contador menos experiente, à época da pesquisa, atuava há 1 ano como contador e o mais experiente exerce a profissão de contador há mais de 50 anos. Dos 100 contadores entrevistados, apenas 29 (29,0%) possuem até dez

anos de experiência; 40 (40,0%) possuem entre 10 e 20 anos de experiência; e 31 (31,0%) possuem mais de 20 anos de experiência como contadores.

Em estudo semelhante produzido por Stroeher (2005), a pesquisadora também verificou que os contadores de pequenas empresas entrevistados possuíam, no mínimo, 10 anos de experiência.

4.3 Processamento das informações pelos gestores das MPME

No intuito de se investigar como algumas informações (financeiras, operacionais e gerenciais) são processadas nas MPME, foi solicitado aos respondentes (gestores e contadores) que indicassem, a partir de uma lista previamente fornecida, quais as informações processadas por eles. Foi solicitado aos gestores que informassem se costumam processar tais informações e, em caso afirmativo, se o fazem com ou sem a ajuda do contador.

De forma a assegurar a confiabilidade dos resultados das análises, as respostas dos contadores e gestores das MPME foram reorganizadas em dois grupos: (1) Não ou sem contador: significa que a informação não é processada (nem pelo contador e nem pela empresa), ou é processada pela MPME sem a ajuda do contador; (2) Com contador: significa que o contador processa a informação para a MPME. Os resultados são apresentados na Tabela 4, que apresenta na última coluna o resultado do teste de hipóteses, que compara as percepções dos gestores e dos contadores. A hipótese nula a ser testada é a seguinte:

H₀: Não existe divergência entre as percepções dos profissionais contábeis e dos gestores das MPME quanto à forma de processamento das informações.

Tabela 4 – Processamento das informações nas MPME: respostas dos contadores e dos gestores

Processamento da informação		Respondente		Total	Sig. (α)
		Contador	Empresa		
Controle do saldo e do extrato bancário	Não ou sem contador	59	113	172	7,74 x 10 ⁻⁷ ±
	Com contador	41	15	56	
	Total	100	128	228	
Informação para decidir sobre empréstimos bancários	Não ou sem contador	60	111	171	1,41 x 10 ⁻⁵ ±
	Com contador	40	18	58	
	Total	100	129	229	
Informação para decidir sobre novos investimentos	Não ou sem contador	74	113	187	0,009 ±
	Com contador	26	15	41	
	Total	100	128	228	
Controle do pagamento dos empréstimos tomado	Não ou sem contador	78	109	187	0,339
	Com contador	22	21	43	
	Total	100	130	230	
Folha de pagamento dos funcionários	Não ou sem contador	1	27	28	1,28 x 10 ⁻⁵ ±
	Com contador	99	102	201	
	Total	100	129	229	
Cálculo dos impostos e encargos sociais	Não ou sem contador	3	8	11	0,356 *
	Com contador	97	121	218	
	Total	100	129	229	
Controle dos estoques	Não ou sem contador	60	115	175	5,84 x 10 ⁻⁷ ±
	Com contador	40	14	54	
	Total	100	129	229	

Processamento da informação		Respondente		Total	Sig. (α)
		Contador	Empresa		
Formação do preço de venda	Não ou sem contador	90	121	211	0,417
	Com contador	10	8	18	
	Total	100	129	229	
Relatórios sobre o que está vendendo mais	Não ou sem contador	93	125	218	0,443
	Com contador	7	5	12	
	Total	100	130	230	
Relatórios sobre os produtos que são mais lucrativos	Não ou sem contador	98	122	220	0,305 * Ψ
	Com contador	2	7	9	
	Total	100	129	229	
Controle das contas a receber	Não ou sem contador	63	112	175	8,67 x 10 ⁻⁵ \pm
	Com contador	37	18	55	
	Total	100	130	230	
Controle das contas a pagar	Não ou sem contador	60	110	170	4,84 x 10 ⁻⁵ \pm
	Com contador	40	20	60	
	Total	100	130	230	
Cálculo do caixa gerado no mês	Não ou sem contador	62	97	159	0,056 Ψ
	Com contador	38	33	71	
	Total	100	130	230	
Cálculo do lucro gerado no mês	Não ou sem contador	62	100	162	0,021 Ψ
	Com contador	38	30	68	
	Total	100	130	230	
Depreciação dos equipamentos e das instalações	Não ou sem contador	56	101	157	0,001 \pm
	Com contador	44	29	73	
	Total	100	130	230	

Obs.: Os níveis de significância apresentados são do Teste Qui-quadrado de Pearson corrigido de Yates, exceto para os marcados com (*), que apresentam a significância do Teste Exato de Fisher.

\pm indica que o teste é significativo ao nível $\leq 0,01$.

Ψ indica que o teste é significativo ao nível $\leq 0,05$.

Conforme dados evidenciados na tabela 4, verifica-se que existe diferença estatisticamente significativa entre as percepções dos contadores e gestores das MPME quanto à forma de processamento de 2/3 das informações: controle do saldo e extrato bancário; informações para decidir sobre empréstimos bancários; informações para decidir sobre novos investimentos; folha de pagamento de funcionários; controle de estoques; controle de contas a receber; controle das contas a pagar; cálculo do caixa gerado no mês; cálculo do lucro gerado no mês; depreciação dos equipamentos e instalações.

Verifica-se que uma maior proporção de contadores informa que processa essas informações para os seus clientes, enquanto que a maior parte dos gestores de MPME afirma que tais informações são processadas por eles próprios, sem a ajuda do contador. Uma possível explicação para essa divergência pode advir do fato de que quando os contadores afirmam que processam as informações para os seus clientes, estão se referindo a processamentos (escriturações, por exemplo) que não são percebidos como úteis pelos gestores. Como consequência, uma proporção maior de gestores pode não perceber valor nessa atividade do contador e afirmar que processa a informação sem a ajuda do mesmo. Uma outra possível explicação poderia ser o fato de as informações processadas pelos escritórios contábeis não ser completa, mas apenas aquela baseada nos documentos legais, entregue pelos

gestores das MPME, e que nem sempre correspondem à real situação da empresa. Assim, os gestores poderiam manter um controle paralelo, com o conjunto completo de informações, para o gerenciamento dos seus negócios.

Ainda conforme dados da tabela 4, observa-se que não existe diferença estatisticamente significativa entre as percepções dos profissionais contábeis e gestores das MPME quanto ao processamento de apenas 1/3 das informações, com a maioria dos contadores e gestores concordando que tais informações são processadas pelos próprios gestores sem a ajuda do contador, ou não são processadas. Entretanto, observe-se que são informações importantes para o gerenciamento das MPME, tais como, controle dos empréstimos tomados, formação do preço de venda e relatórios sobre os produtos mais vendidos. Esse pode ser um potencial de serviços a ser oferecido no futuro pelos contadores que atendem essas empresas.

Por outro lado, também não foi encontrada diferença estatisticamente significativa quanto ao cálculo dos impostos e encargos sociais, com a maior parte dos gestores das MPME e contadores concordando que essas informações são processadas pelo contador. Esses resultados confirmam cientificamente o que já era conhecido pelo senso comum: os serviços contábeis oferecidos às MPME estão atualmente concentrados no cumprimento de obrigações fiscais e legais. De forma semelhante, a pesquisa conduzida por Silva (2002) revelou que a maioria das micro-indústrias por ele entrevistadas (85%) recebe apenas informações fiscais de seus profissionais contábeis, sendo apenas 10% delas servidas também de informações gerenciais.

Se não houver uma mudança qualitativa na oferta dos serviços contábeis prestados às MPME o contador poderá ficar descaracterizado como o profissional mais adequado para produzir informações úteis à gestão desse tipo de empresas. Tal afirmativa é reforçada por Miranda *et al* (2008a) cuja investigação constatou que 42,4% dos gestores entrevistados contratariam outros profissionais para produzir informações que ajudassem no controle das operações e avaliação do desempenho da empresa. A mesma pesquisa revelou que mais de 1/3 dos gestores entrevistados já vêem o contador como mero provedor de serviços relacionados ao recolhimento dos impostos e dos encargos sociais, uma vez que afirmaram que não manteriam o contador caso o governo simplificasse o recolhimento dos impostos e encargos sociais, de modo que eles mesmos fossem capazes de realizar tais serviços.

5 Conclusão

Este Trabalho teve como objetivo investigar aspectos qualitativos da oferta e demanda de serviços contábeis pelas Micro, Pequenas e Médias Empresas, focando o modo como as informações econômico-financeiras (incluindo custos) são processadas por essas empresas, a partir de um estudo comparativo entre as percepções de seus gestores e dos contadores que lhes prestam serviços.

No intuito de responder às questões levantadas e testar a hipótese da pesquisa, foi realizada, entre agosto e outubro de 2007, na Região Metropolitana do Recife-PE, uma pesquisa empírica, por meio da aplicação de questionários a 130 gestores de MPME e a 100 profissionais da área contábil.

A pesquisa confirma o senso comum. Os serviços contábeis mais utilizados pelas Micro, Pequenas e Médias Empresas são os relacionados ao atendimento das obrigações fiscais e legais. De forma semelhante, para maior parte dos profissionais contábeis, os serviços por eles prestados são, predominantemente, aqueles referentes às obrigações fiscais e legais, tais como recolhimento de impostos e folha de pagamento. Um número muito pequeno de contadores presta algum serviço relacionado à contabilidade gerencial.

Foi encontrada divergência estatisticamente significativa entre as percepções dos profissionais contábeis e dos gestores das MPME quanto à forma de processamento das informações, para 2/3 das informações analisadas. Verificou-se que uma maior proporção de contadores informa que processa as informações para os seus clientes, enquanto que a maior parte dos gestores afirma que tais informações são processadas por eles próprios, sem a ajuda do contador. Duas possíveis explicações para essa divergência emergem: o fato de que quando os contadores afirmam que processam as informações para os seus clientes, estarem se referindo a processamentos que não são percebidos como úteis pelos gestores, e/ou o fato das informações processadas pelos escritórios contábeis não ser completa, mas apenas aquela baseada nos documentos legais, entregue pelos gestores das MPME, e que nem sempre correspondem à real situação da empresa.

Conclui-se, com base nos achados desta pesquisa, que existe divergência entre a oferta e a demanda de serviços contábeis oferecidos para as Micro, Pequenas e Médias Empresas, no que se refere ao modo como as informações econômico-financeiras são processadas pelas MPME, indicando uma demanda não atendida pelos contadores, especialmente aquela relacionada com a contabilidade gerencial.

Referências

- ALBANEZ, T.; BONÍZIO, R. C. A contabilidade gerencial como fator condicionante à sobrevivência das micro e pequenas empresas. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CUSTOS - CBC, 16., João Pessoa, 2007. Anais...* João Pessoa: CBC, 2007.
- BIANCHI, C.; BIVONA, E. *Fostering small business growth and entrepreneurial learning through accounting and system dynamics models. In: INTERNATIONAL COUNCIL FOR SMALL BUSINESS CONFERENCE, 44., Nápolis, 1999. Proceedings...* Nápolis, 1999.
- BOYLE, R. D.; DESAI, H. B. **Turnaround strategies for small firms. Journal of Small Business Management.** [S.l.], p. 33-42, jul. 1991.
- CARTER, R.; VAN AUKEN, H. *Small Firm Bankruptcy. Journal of Small Business Management.* [S.l.], 2006.
- COOPER, A. C. *Challenges in predicting new firm performance. Institute for Research in the Behavioral, Economic and Management Sciences, Kranert Graduate School of Management.* [S.l.], paper n. 17, abr. 1992.
- DO CARMO, P. J. M. **Mortalidade das Pequenas e Médias Empresas da Construção Civil em Pernambuco.** Recife, 2000. Dissertação (Mestrado em Administração) - Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco.
- GASKILL, L. A. R. *et al. A factor analytic study of perceived causes of Small business failure. Journal of Small Business Management.* [S.l.], p. 18-31, out. 1993.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GRIEVES, M. *The impact of information use on decision making. Library Management.* [S.l.], v. 19, n. 2, p. 78-85, 1998.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Estatísticas do Cadastro Central de Empresas**. Rio de Janeiro, 2002.

ISMAIL, N. A.; KING, M. *The alignment of accounting and information systems in SMEs in Malaysia*. **Journal of Global Information Technology Management**. [S.l.], p. 24-42, 2006.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LEITE, D. C. de C. **Investigação sobre a medição de desempenho em pequenas empresas hoteleiras do nordeste brasileiro**. João Pessoa, 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Programa Multiinstitucional e Inter-regional de Pós-graduação em Ciências Contábeis da Universidade de Brasília/ Universidade Federal de Pernambuco/ Universidade Federal da Paraíba/ Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

LONGENECKER, J. G. *et al.* **Administração de pequenas empresas: ênfase na gerência empresarial**. São Paulo: Makron Books, 1997.

MARTINS, G. de A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2007.

McADAM, M.; MARLOW, S. *Building futures or stealing secrets?: entrepreneurial cooperation and conflict within business incubators*. **International Small Business Journal**. [S.l.], n. 25, p. 361, 2007.

McGEE, J.; PRUSAK, L. **Gerenciamento Estratégico da Informação: aumente a competitividade e a eficiência de sua empresa utilizando a informação**. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

MIRANDA, L. C., LIBONATI, J. J., Freire, Deivisson Rattacaso, SILVA NETO, O. S. **Demanda por Serviços Contábeis pelos Mercadinhos: são os contadores necessários?** *Contabilidade Vista & Revista*. , v.19, p.131 - 151, 2008a.

MORRISON, E. R. *Bankruptcy Decision-Making: An Empirical Study of Small-Business Bankruptcies*. **The Center for Law and Economic Studies**. Working Paper No. 239. Columbia Law School. Outubro de 2003.

NUNES, L. C.; SERRASQUEIRO, Z. M. S. A informação contabilística nas decisões financeiras das pequenas empresas. **Revista de Contabilidade e Finanças - USP**, São Paulo, n. 36. p. 87-96, set./dez. 2004.

OLEIRO, W. N.; DAMEDA, A. das N.. O uso da informação contábil na gestão de micro e pequenas empresas atendidas pelo programa de extensão empresarial NEE/FURG. *In: CONVENÇÃO DE CONTABILIDADE DO RIO GRANDE DO SUL*, 10., 2005. **Anais...** Rio Grande do Sul: 2005.

OLIVEIRA, A. G. de *et al.* A utilização das informações geradas pelo sistema de informação contábil como subsídio aos processos administrativos nas pequenas empresas. **Revista FAE**. Curitiba, v. 3, n. 3, p.1-12, set./dez. 2000.

OTTOBONI, C.; PAMPLONA, E. de O. Proposta de pesquisa para avaliar a necessidade de se medir o desempenho financeiro das micro e pequenas empresas. *In: XXI ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO – ENEGEP*, 21., 2001, Salvador. **Anais...** Salvador: ENEGEP. 2001.

PIRES, M. A. *et al.* Atendimento das necessidades de informação para a tomada de decisão em pequenas e médias empresas: análise crítica das informações geradas pela contabilidade frente aos seus objetivos - pesquisa exploratória no setor de confecções da Glória – ES. *In: CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE*, 4., 2004, São Paulo. **Anais...** São Paulo: USP, 2004.

QUEIROZ, L. M. N. de. **Investigação do uso da informação contábil na gestão das micros e pequenas empresas da Região do Seridó Potiguar.** Natal, 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências Contábeis) – Programa Multiinstitucional e Inter-regional de Pós-graduação em Ciências Contábeis da Universidade de Brasília/ Universidade Federal de Pernambuco/ Universidade Federal da Paraíba/ Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

SALGUEIRO, M. A. de A. **Avaliação da qualidade dos serviços contábeis: caso da cidade de Arapiraca.** Maceió, 2000. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Alagoas.

SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS - SEBRAE. **Fatores condicionantes e taxa de mortalidade de empresas no Brasil:** relatório de pesquisa. São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www.sebrae.org.br>>. Acesso em 21/01/2007.

SHELDON, D. *Recognizing failure factors helps small business turnarounds.* **National Productivity Review.** [S.l.], p. 533-541, Autumn, 1994.

SIEGEL, S. **Estatística não-paramétrica para ciências do comportamento.** São Paulo: McGraw-Hill, 1975.

SIEGEL, S.; CASTELLAN Jr., N. J. **Estatística não-paramétrica para ciências do comportamento.** 2. ed. Porto alegre: Artmed, 2006.

SILVA, A. L. da. **O perfil do profissional contábil, sob a ótica dos gestores, das micro-indústrias da Região da Campanha do Rio Grande do Sul e sua postura frente ao mercado globalizado.** Argentina, 2002. Dissertação (Mestrado em Integração e Cooperação Internacional) - Universidade Nacional de Rosário.

SILVA, A. C. R. de. **Metodologia da pesquisa aplicada à contabilidade:** orientações de estudos, projetos, relatórios, monografias, dissertações, teses. São Paulo: Atlas, 2003.

SILVA, J. S.; SOLINO, A. S. **Fatores Determinantes da Mortalidade da Micro e Pequena Empresa Industrial de criação e abate de aves na Grande Natal/RN.** *In: ENCONTRO DA ANPAD – ENENPAD*, 24., Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: ANPAD, 2000.

STROEHER, A. M.; FREITAS, H. **Identificação das necessidades de informações contábeis de pequenas empresas para a tomada de decisão organizacional.** *In:*

CONGRESSO INTERNACIONAL DE GESTÃO DA TECNOLOGIA E SISTEMAS DE INFORMAÇÃO – CONTECSI, 3., 2006, São Paulo. **Anais...** São Paulo: CONTECSI, 2006.

TONGE, J. *A Review of Small Business Literature Part 2: Birth, Growth and Death of The Small Business*. **Manchester Metropolitan University Business School Working Paper Series**. Working Paper No. 01/19. November, 2001.

VAN PRAAG, C. M. *Business survival and success of young small business owners*. **Small Business Economics Journal**. [S.l.], p.1-17, 2003.

VIEIRA, S. **Bioestatística: tópicos avançados**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

WATSON, J. e EVERETT, J. *Small Business Failure Rates: choice of definition and industry effects*. **International Small Business Journal**. [S.l.], v. 17, n. 2, 2007.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookmam, 2001.